

Entrevista >> POR VILMARA FERNANDES / vfernandes@redegazeta.com.br

Kelder José Brandão Figueira >> COORDENADOR DAS PASTORAIS DA ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA

“O crime organizado ainda atua no Espírito Santo”

Para padre que coordena pastorais de Vitória, esse é um dos motivos dos altos índices de violência no Estado

■ ■ Com a experiência de quem sempre atuou em paróquias com altos índices de criminalidade - Feu Rosa e Jacaraípe, na Serra, e a periferia de Campo Grande, Cariacica -, e o respaldo de, na estrutura da Igreja, ser considerado o “braço direito” do arcebispo dom Luiz Mancilha Vilela, o padre Kelder José Brandão Figueira não mede as palavras ao avaliar a violência no Espírito Santo. No ano que a Igreja escolheu a Segurança Pública como tema da Campanha da Fraternidade, ele classifica como inoperante a atuação do Estado na área e dispara: o crime organizado não morreu. Para ele, está bem vivo, e isso seria um dos motivos de o Estado liderar rankings de violência.

O padre, que é coordenador das pastorais da Arquidiocese

Por exemplo, rever o modelo político adotado no Espírito Santo. Sabemos que a ação da violência está associada à política econômica, elitista e excludente. Não vamos acabar com a violência aumentando o contingente de polícia. Isso só vai aumentar a violência. Mas quando tivermos um Estado que pautar políticas públicas de inclusão social, e estamos falando dos governos municipais, estadual e federal, aí sim teremos a possibilidade efetiva de reduzir os índices.

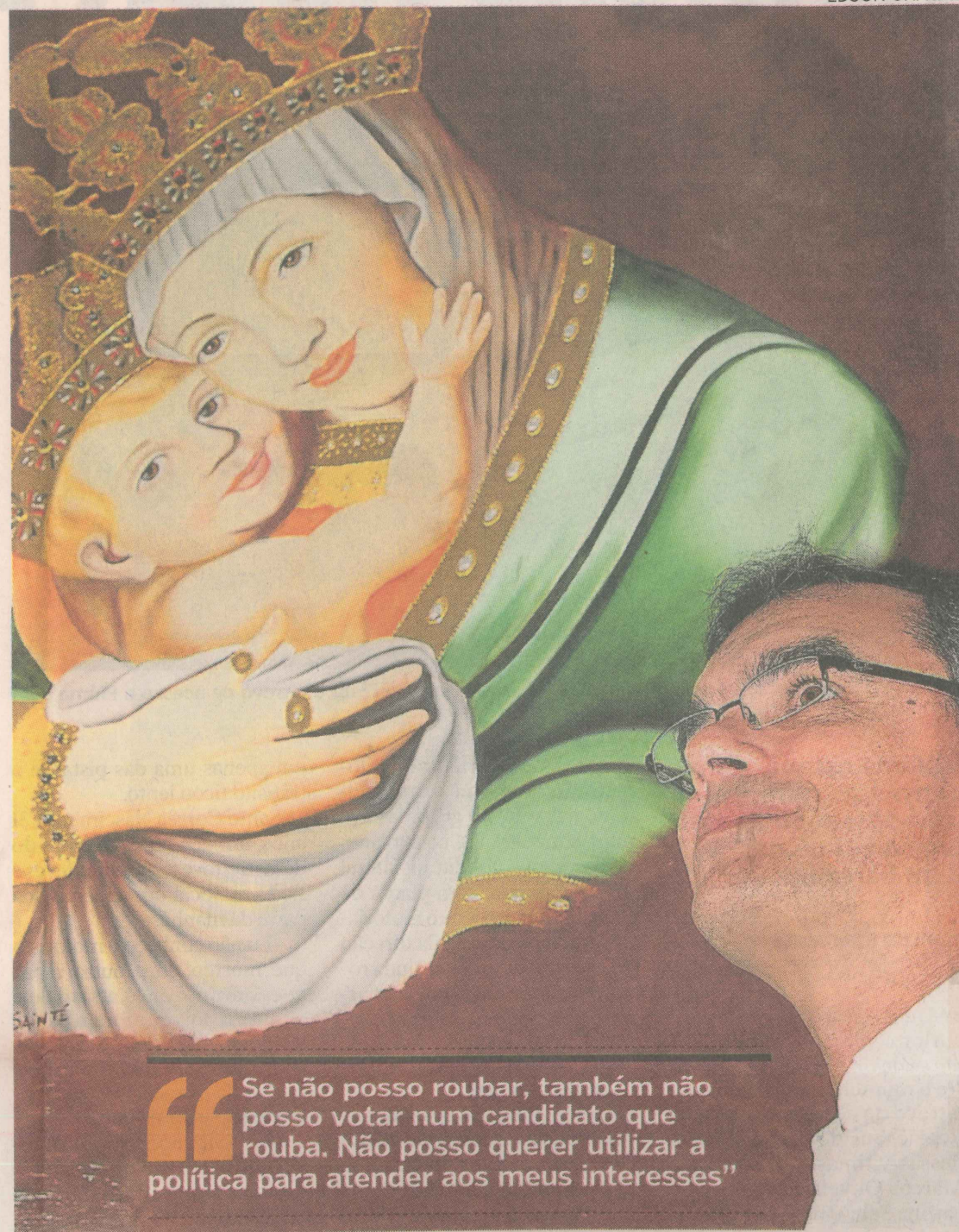
■ ■ E o papel do tráfico?

O tráfico está presente porque falta emprego formal. Para você ter uma ideia, nós temos um projeto social que trabalha com 180 crianças e adolescentes de risco social, de uma das regiões onde mais se mata em Jacaraípe. Na semana passada uma educadora

Crisma na paróquia. Na audiência observei para a juíza que a droga não cai do céu. Chega através dos portos, dos aeroportos, da rodoviária, pelas rodovias. Agora, quem morre são os nossos filhos.

■ ■ Como avalia a situação da população carcerária?

É uma situação caótica. O governo diz que tem investido nessa área, mas a cada ano o que se percebe é que, ao invés de uma situação melhorar, ela se torna mais caótica. A construção dos presídios não tem sido suficiente para atender às demandas da população, e o que a gente percebe é uma perversão muito grande. Uma das questões da violência está relacionada com a impunidade, mas a impunidade dos grandes, não dos pequenos. O Estado tem prendido muito, mas os pequenos. Quem idealiza a política do narcotráfico não está sendo julgado no Espírito Santo. Estamos falando do crime organizado. A gente enche as celas de negros e pobres. Precisamos ir na causa, que é a ação do crime organizado. E que está muito longe de ser banido do Espírito Santo.



EDSON CHAGAS

“Se não posso roubar, também não posso votar num candidato que rouba. Não posso querer utilizar a política para atender aos meus interesses”

TRABALHO. Padre Kelder atua em comunidades carentes e defende políticas de inclusão social

O padre, que é coordenador das pastorais da Arquidiocese de Vitória – que reúne mais de 15 municípios –, prepara-se para ajudar a implementar uma série de transformações na Igreja Católica. Entre elas, está a retomada da atuação junto às associações de moradores e dos Grupos de Acompanhamento do Legislativo (GAL). O engajamento social, diz, é o caminho para transformar a realidade. “Não vamos acabar com a violência aumentando o contingente de polícia, mas com políticas públicas de inclusão social.”

■ ■ A Igreja está retomando o debate social?

A Igreja nunca esteve afastada das questões sociais. No ano passado houve uma articulação em todo o Brasil, a partir da Pastoral da Criança, pedindo que a questão da Segurança Pública fosse tema da Campanha da Fraternidade, em função dessa situação gritante em todo Brasil e, especificamente no Espírito Santo. Os dados comprovam essa violência. Está se matando muito no Estado.

■ ■ Foram 1.958 pessoas mortas em 2008.

Números que não surpreendem, porque acompanhamos este quadro há muito anos. As pastorais vêm denunciando isso incessantemente. A gente sabe que o Estado tem se mostrado muito inoperante. A violência não é oriunda do calor. É da falta de capacidade do Estado em oferecer soluções que sejam efetivas para o controle da violência. Os números são vidas que se foram. Enquanto houver uma pessoa morrendo vítima de homicídio, a gente não pode comemorar. Sou da área rural e lembro, quando era criança, que ao matarem um boi a manada em volta mugia. Era um lamento. Meu drama, hoje, é que as pessoas estão vendo seus semelhantes sendo assassinados e fingem que não estão vendo. Choram por um ídolo que morreu na Europa, mas não se comovem com o irmão assassinado. E ainda justificam: estava no tráfico, tinha que morrer.

■ ■ Que soluções a Igreja aponta?

mais se mata em Jacaraípe. Na semana passada uma educadora fez uma dinâmica sobre o sonho das crianças de 9 a 12 anos. Foram quatro grupos. Em cada um deles você tinha de duas a quatro falas que diziam assim: “Meu sonho de vida é me tornar chefe do tráfico”, “Meu sonho de vida é controlar uma boca-de-fumo”. Ou seja, o tráfico ocupa o lugar que lhe é permitido pela ausência do poder público institucionalizado. É também uma responsabilidade, de uma certa maneira, das demais instituições históricas e sociais, até mesmo as religiosas. A violência não está associada diretamente à periferia, mas acontece na periferia porque ela tem ausência completa do poder público.

“As pessoas estão vendo seus semelhantes sendo assassinados e fingem que não estão vendo. Choram por um ídolo que morreu na Europa, mas não se comovem com o irmão assassinado. E ainda justificam: estava no tráfico, tinha que morrer”

■ ■ O senhor pode citar um exemplo?

Na segunda-feira, eu participei de uma audiência relativa a um homicídio que aconteceu em Jacaraípe, que mexeu com toda a comunidade por envolver um de seus membros mais atuantes como o autor do homicídio. Essa pessoa tem um comércio, e, depois de ter sido assaltada três vezes, num ímpeto reagiu ao assalto: pegou uma faca e degolou o rapaz. Ele ainda saiu da loja sangrando, sentou na garupa da bicicleta do colega e saiu pelas ruas se esvaindo em sangue, até morrer. Era um jovem de 15 anos, cujos pais haviam sido queimados vivos. Já vinha de uma história de violência trágica. O que relatei para a juíza é que o autor desse homicídio é tão vítima quanto a vítima que causou. Era um comerciante sem nenhum antecedente. Pelo contrário, no mês anterior estava me ajudando a organizar a

organizado. E que está muito longe de ser banido do Espírito Santo, porque ainda está muito enraizado e estruturado.

■ ■ Qual a contribuição da Igreja para mudar essa realidade?

A Igreja tem feito muito. As comunidades, via de regra, desenvolvem ações que visam a minimizar o espaço dessa política neoliberal, que implementa essa cultura de consumo, de competição, de violência. O próprio processo de catequese, de evangelização, ajuda na construção desta consciência de respeito à coletividade. Pontualmente nós temos ações de inúmeras pastorais. Por exemplo, a questão do desemprego: há anos que a Cáritas, junto à Pastoral Operária, vem trabalhando as cooperativas de pessoas desempregadas, com material reciclado, fábrica de blocos, com feiras comunitárias. Iniciativas micro, mas que na vida de centenas de pessoas fazem uma grande diferença. Uma outra questão que a Igreja tem trabalhado muito: atendemos a uma média de 10 mil crianças e jovens em risco social. A Pastoral da Criança há décadas vem trabalhando a questão do soro caseiro, da desnutrição, da alimentação saudável, e com mães, para que elas tenham uma relação mais afetiva, mais terna com os filhos.

■ ■ O secretário de Segurança afirmou, em entrevista, que a sensação de insegurança no Estado é maior do que a violência. O senhor concorda?

Não, a violência é real. Na véspera da abertura da Campanha da Fraternidade fui ao Jardim da Paz fazer exéquias de um jovem de 30 anos, que foi assassinado em André Carloni, na Serra. Ele era dependente químico e estava envolvido com o tráfico. Naquele mesmo momento estava sendo enterrado um policial que também havia sido assassinado na sexta-feira. A violência atinge todas as classes e todas as categorias, não é uma sensação. Os números estão aí para provar que ela é efetiva. Em termos proporcionais, nós passamos daquilo que seria considerado um índi-

Trajatória

■ ■ Kelder José Brandão Figueira tem 42 anos. É natural de Buenos Aires, no interior de Guarapari. “O lugar mais lindo do mundo”, diz

■ ■ Entrou para o Seminário Nossa Senhora da Penha aos 25 anos, logo após se graduar em Direito e Ciências Contábeis, na Ufes.

ce de guerra. Isso precisa ser revisto pelo Estado.

■ ■ O que falta fazer?

No Espírito Santo se criou uma necessidade de se construir uma imagem. Hoje existe um medo muito grande de se romper com isso, de mostrar a realidade e se dar conta de que nada mudou no Estado, de que o crime organizado continua atuando. Tanto continua atuando que temos pessoas que foram elencadas no relatório da CPI do Narcotráfico e nas denúncias que foram feitas ao Comissariado da ONU e que estão assumindo cargos na Segurança Pública. Isso sem falarmos do Poder Legislativo, das eleições municipais, da influência do tráfico nas eleições de vereadores. Então, o crime organizado está muito presente, é muito real e está muito longe de ser banido do nosso Estado.

■ ■ A Igreja está propondo participar mais nas associações de moradores e o resgate dos Grupos de Acompanhamento do Legislativo. Qual o objetivo? O que nós pretendemos é retomar o processo de politização

“O tráfico ocupa o lugar que lhe é permitido pela ausência do poder público institucionalizado. A violência não está associada diretamente à periferia, mas acontece na periferia porque ela tem ausência completa do poder público”

No seminário estudou Filosofia e Teologia

■ ■ Ainda seminarista, atuou por quatro anos na Paróquia de Feu Rosa, considerado um dos bairros mais violentos da Serra. Depois foi transferido para a Paróquia de Campo Grande, Cariacica, atuando nas comunidades de periferia, onde também há

das comunidades. Uma comunidade politizada não permite a acessibilidade ao tráfico de drogas, porque há consequências para o traficante. Como decorrência, nós vamos ter políticas públicas municipais voltadas para as reais necessidades daquela comunidade, em vez de megaprojetos.

■ ■ A politização vai estar no sermão, nas missas?

Prezo muito o espaço litúrgico, e ele não pode nunca ser transformado num palanque. O que queremos é que o cristão seja cristão e convicto de sua fé nos espaços onde atua. Não queremos reduzir as associações de moradores a uma comunidade religiosa, nem tampouco transformar a comunidade religiosa numa associação de moradores. Queremos que todos, dentro ou fora da Igreja, sejam convictos de sua fé e daquilo que a gente precisa para viver a nossa fé, que é ter uma vida digna, decente. Então, se roubar é algo que não diz respeito à prática cristã, nós não podemos roubar. Se não posso roubar, também não posso votar num candidato que rouba. Não posso querer utilizar a política para atender aos meus objetivos, aos meus interesses. Isso é ser cristão. Não é viver só o momento litúrgico e depois, viver de outra forma, na Assembleia, na Câmara de Vereadores, no Tribunal de Justiça. Desse tipo de católico a Igreja está cheia, literalmente, e cheia, também, no sentido de estar cansada disso.

■ ■ O senhor tem medo da violência?

Nunca recebi ameaças, mas claro que tenho medo. Em nada sou

altos índices de violência.

Nessa comunidade foi ordenado diácono. De lá foi transferido para Jacaraípe, há quatro anos, região que também apresenta altas estatísticas de violência

■ ■ Hoje também coordena as pastorais da Arquidiocese de Vitória, da qual fazem parte 15 municípios

diferente das milhares de pessoas que estão nas nossas periferias, das mães e dos pais de famílias aflitos com o que possa acontecer a seus filhos.

■ ■ A Igreja sempre é criticada por não acompanhar as transformações da sociedade...

Graças a Deus que não acompanhou. Existem princípios para a Igreja que são imutáveis, como o direito à vida. Então, quando a Igreja fala sobre a indissolubilidade do matrimônio está defendendo o princípio da perpetuação da humanidade. Imagina uma sociedade em que todas as pessoas se casem com outras do mesmo sexo. Que posteridade vai ter? Que futuro vai ter? Então, quando a Igreja fala sobre a relação matrimonial, a constituição da família monogâmica, nuclear, está defendendo não simplesmente um princípio rígido moral, eclesial, tradicional.

■ ■ E o aborto?

É a defesa da vida desde a sua concepção. O mandamento central é não matarás. O feto não tem condições de defesa, é inocente. Há que se cuidar dessa vida. Não importa como a vida foi gestada ou como está sendo desenvolvida. Existe uma vida, existe um dom, e esse dom a gente tem que cultivar para que ele possa florescer e chegar ao seu apogeu. Uma situação que não é diferente dos homicídios. Que diferença tem a vida de um jovem e a vida de um feto? O dom é o mesmo. O valor absoluto da vida é inalienável, e a Igreja não pode ser furtar em nome de ter mais fiéis, de desenvolver um discurso de consumo.